

14 DEZ 1966

“Este é o Brasil que o governo pede, o da integração”

Cardoso, FH - discurso

Esta é a íntegra do discurso feito pelo presidente Fernando Henrique Cardoso no Espaço Cultural, em Palmas (TO).

“Senhor governador do Estado de Tocantins, companheiros Siqueira Campos,

Senhor ministro de Estado dos Transportes, Dr. Alcides Saldanha,

Senhor vice-governador Raimundo Nonato Pires dos Santos,

Senhor presidente da Assembleia Legislativa, deputado Cacildo Vasconcelos,

Senhor presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Antônio Félix Gonçalves,

Senhores senadores que me dão a honra da companhia, deputados federais e estaduais.

Senhor prefeito de Palmas, Eduardo Siqueira Campos,

Senhor arcebispo de Palmas, Dom Alberto (...) Correa.

Senhores secretários de Estado,

Senhoras e senhores.

Com a generosidade característica, o governador do Estado, meu companheiro Siqueira Campos, não só me saudou como traçou, aqui, todo um programa. Todo um programa que tem a ver com cada um de nós, porque é um programa de integração deste Brasil.

Há pouco, nós estávamos na estrada Tocantins 040. Lá, no limite entre Tocantins e a Bahia, nós não sabíamos se era o senador Antônio Carlos que elogiava as terras, dizendo que eram de Tocantins, ou se era o governador Siqueira Campos, que dizia que eram da Bahia. E, num futuro próximo, nós vamos ver aquelas terras, que são do To-

cantins e da Bahia porque são do Brasil, com uma maior capacidade ainda de produzir, porque estamos inaugurando estradas, porque a eletricidade está lá, porque estamos tendo mais tratores, porque nós começamos, repito, começamos a deixar os juro — vamos continuar — e a financiar a produção, porque o Brasil é um país que tem gente que acredita em si mesmo, no povo e no próprio país.

É um grande país. O senador Rocha, que está me olhando meio de soslaio, sabe que este é um grande país. Não é fácil para um país continental, vice-governador, país continental, não é fácil deixar de arranhar as costas, como dizia o padre Vieira. Mas nós estamos sentindo que, hoje, aquilo que, há poucas décadas, era uma ilusão, um sonho, uma vontade — e ninguém melhor do que Juscelino para expressar essa vontade, com a Belém—Brasília — pois bem, hoje não é mais uma ilusão, um sonho e uma mera projeção de vontade. É uma realidade.

Esta cidade de Palmas tem sete anos. E, hoje, ao descer aqui, ao ver essa avenida imensa, ao ver esse centro cultural, mas, sobretudo, ao vê-los, ao ver essa gente que está aqui, com força com vontade, eu tenho certeza — certeza — de que o Brasil já está muito longe da costa. E, hoje, já existem, aqui, no centro geodésico do Brasil, um Estado e uma cidade que já estão oferecendo ao País, ao invés de pedir do País.

E aquilo que foi, aqui, mencionado pelo governador, é obrigação de todos nós, brasileiros — presi-

dente, deputados, senadores, ministros, ministro Saldanha, que me acompanha. É nossa obrigação. Nós vamos ter de viabilizar o Lajeado porque ele é bom para o Tocantins, ele é bom para Palmas, ele é bom para o Brasil. E a maneira eficaz de fazê-lo já foi descrita pelo governador: é uma parceria. Os estudos estão feitos. Acabei de recebê-los. A vontade política existe. O ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito, sabe da importância da obra. E nós já realizamos, nesses dois anos de meu governo, 70 contratos de concessão de energia. Três bilhões de reais — não do governo, da iniciativa privada — que vêm se juntar ao esforço do governo para produzir mais energia para o Brasil.

Lajeado vai produzir mais mil megawatts e vai produzir um lago à altura de Palmas. A estrada de ferro, mencionada pelo governador, a Estrada de Ferro Norte—Sul já está retomada. Nós já estamos o trecho que vai chegar a Imperatriz. Não foi fácil, porque o governo teve muitas dificuldades na primeira fase da estabilização da moeda, senador (...). Dificuldades para conseguir, efetivamente, mobilizar os recursos, que apenas comecem a ser mobilizados, mas com o real, numa economia estável, com uma base política sólida, não só no Congresso, no povo, porque o povo é a verdadeira base do governo. Com esta crença, nós comecemos a poder viabilizar as obras fundamentais do Brasil. E essa ferrovia é fundamental.

Não basta a ferrovia. Nós precisamos, já disse o governador, fazer

o sistema intermodal. E todo o Brasil sabe que, para o governo atual, as hidrovias são fundamentais. Nós fizemos um plano chamado “Brasil em Ação”. Nele, destacamos 42 obras, todas de integração, integração física e social, da educação, da saúde, do acesso à terra. Mas nós pusemos lá, e bem alto, a importância das hidrovias.

A hidrovia Araguaia—Tocantins, ligada à Ferrovia Norte—Sul, saindo pelo porto de Itaquí, ou indo lá para baixo, para poder fazer o trecho final e fazer a integração com a parte sul do Brasil, é fundamental, porque ela corta o centro do Brasil e viabiliza o transporte de mercadorias e de seres humanos. Nós vamos fazê-lo.

Há pouco, me disse o sanador Ornellas, do Estado da Bahia, que só o fato, Eduardo, de nós termos mencionado, com muita insistência, a importância da retomada da hidrovia do São Francisco e de estarmos começando a fazer o pequeno trecho de Unai a Pirapora, nem que o governo ainda não tivesse feito nada, já aumentou, consideravelmente, o transporte pelo Rio São Francisco. E a população passou a ver que é importante a hidrovia e passou a perceber que nós estamos, sim, fazendo o que prometemos.

E aqui há os que sabem que já a próxima safra, não deste lado de cá, do Tocantins, mas do lado de lá, no Araguaia, já na direção do Rio Madeira, lá em Rondônia, e já numa parte de Mato Grosso, a safra vai escoar através de Porto Velho, através de barcaças que vão subir o Rio Madeira, que vão se de-

sembocar no Amazonas. E, lá em Itacoatiara, já há um terminal graneleiro e essa safra vai para o hemisfério norte barateando, radicalmente, o custo de transporte da soja, tornando o Brasil mais competitivo.

Este é o Brasil que o governo pede, o da integração. Esse é o nosso Brasil. Nossos ancestrais, vice-governador, já olhavam por aí. Eu tenho lá um quinto avô que sucedeu a Porto Magalhães e se encarregava da hidrovia Araguaia, com a saída de Goiás para o Pará, desde o século 18, do século 19.

Séculos para que nós retomássemos esse mesmo espírito. Mas agora, com a urgência do Siqueira Campos, o espírito está retomado e, com vocês, nós vamos construir, aqui no coração do Brasil, aqui neste canto do nosso país, um Estado próspero.

Falta muita coisa, mas não falta técnica. Falta muita coisa, mas não falta decência. Falta muita coisa, mas nós não aceitamos mais a corrupção. Falta muita coisa mas, hoje, nós também clamamos junto ao povo, por mais igualdade e mais justiça. De modo que o que falta é uma questão de tempo.

Há condição de que nós mantenhamos esse espírito. Um espírito de amor ao País, sem sectarismos; sem partidarismos exaltados; com objetividade; sem imaginar que o governo faz tudo, porque não tem condições de fazê-lo; com a iniciativa privada mas, sobretudo, com aquele espírito que o governador descreveu aqui (...). Onde a propriedade não é privada, mas não é estatal. Onde o público constituiu o

estatal. Onde o interesse de todos é o que conta. Os recursos virão do Estado e virão da sociedade.

Esse é o novo Brasil, o Brasil da democracia, o Brasil da tranquilidade, da simplicidade. Um Brasil que não é exibido, como não é exibido o povo desse Estado, que lá fora nem se sabe que aqui já pulsa um grande Estado. Mas, com esse espírito, governador, eu não tenho dúvida nenhuma, nós vamos continuar o caminho do progresso.

E eu quero finalizar desejando que esses tratores que vi por aí, essas pessoas que aqui receberam incentivos, que elas sigam em frente. Porque nada do que dissemos, de integração física, liberdade, democracia, nada disso tem um significado completo, senão quando o povo sente que está melhorando, ele próprio. Está trabalhando, e que do fruto do seu trabalho deriva o resultado, que vai ser utilizado em benefício da sua família. E que sabe que os governos estão aí, não para perseguir, não para fazer sectarismo, mas para dar o apoio necessário. E que sabe, também, que só com a vontade solidária de todos nós é que vamos chegar aos nossos objetivos.

Agradeço. Agradeço de todo o coração o modo espontâneo, simples, direto como fui recebido aqui. Daqui, vou para o Maranhão e, depois, para o Ceará e retornarei a Brasília. E, cada vez que eu retorno a Brasília, depois de ter penetrado fundo nas raízes do meu país, eu me sinto mais convencido de que este é um grande país porque tem um grande povo. Muito obrigado a vocês.”